

A INTERPRETAÇÃO DE LIBRAS PARA PORTUGUÊS EM CONFERÊNCIA: UMA REFLEXÃO A PARTIR DO OLHAR DO PALESTRANTE SURDO¹

Vânia de Aquino Albres Santiago
Instituto Superior de Educação de São Paulo – SINGULARIDADES

Eixo Temático: Interpretação em contextos de conferência

INTRODUÇÃO

A atuação do Tradutor e Intérprete de Libras - Português (TILSP) envolve, língua, cultura em um processo intenso de alteridade, sua atividade abrange proporcionar ao surdo, sobretudo, o conforto linguístico, e a possibilidade de tomar conhecimento dos mais variados assuntos, conhecimentos e discursos por meio de uma língua que lhe é de fato acessível, confortável, e também, expressar-se em língua de sinais, representa a situação de uma pessoa surda de interagir com o mundo e de produzir sentidos nessa língua. No entanto, fora da comunidade surda, onde há a interação com pessoas que não são fluentes na língua de sinais, os surdos em sua maioria, necessitam na sua trajetória de vida, seja na educação, no trabalho ou em atividades sociais a presença do profissional TILSP.

A discussão a respeito do conforto linguístico por meio da Libras adquire força a partir do seu reconhecimento como primeira língua para comunidade surda e sobretudo como alicerce na resistência desta comunidade à imposição de padrões e dos estereótipos criados em torno do sujeito surdo; a resistência empodera e permite aos surdos contar e fazer sua história. A atuação do intérprete corrobora para esta resistência, já que o surdo, com a presença do intérprete não é forçado a agir como ouvinte.

Nesse sentido, o conforto linguístico compreende a situação de uma pessoa comunicar-se e de interagir com o mundo por meio de uma língua que lhe é natural, língua essa que lhe dá condições de entender e interpretar o mundo de maneira completa e significativa, e de produzir sentido nos enunciados nessa língua (SANTIAGO e ANDRADE, 2013).

Dentre as questões que envolvem a atuação do intérprete de libras apontadas acima, não cabe aqui a discussão sobre proficiência na língua, tendo em vista que o conhecimento linguístico

¹ SANTIAGO, Vânia de Aquino Albres. A interpretação de Libras para português em conferência: uma reflexão a partir do olhar do palestrante surdo. In: Anais do 5º Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução & Interpretação de Libras e Língua portuguesa. Florianópolis: UFSC - CCE, 2016.

(no Português e na Libras) é imprescindível para a atuação desse profissional. Porém, é interessante ressaltar que ao tratar de duas modalidades tão distintas, a proficiência da primeira língua será sempre superior à da segunda para qualquer indivíduo. O que significa que para os intérpretes de Libras ouvintes, a busca e o estudo da língua de sinais deva ser uma constante objetivando uma das competências que sua atuação exige.

Santiago (2013) explica que o intérprete ao tomar a palavra, que não é sua, mas do outro, realiza um ato social e ideológico, os sujeitos iniciam um processo marcado por conflitos, relações de poder e constituição de identidades, e desta forma, os sentidos dos enunciados sofrem intervenção e são determinados pela posição social ocupada por aqueles que o produzem, implicando em diferentes interpretações.

Nesse pensamento, tomamos os questionamentos da pesquisa: a) Qual o entendimento do surdo sobre a atividade de interpretação? b) O surdo sabe avaliar as situações que são de maior dificuldade de interpretação? c) Como o relato do enunciador surdo em relação às suas expectativas e satisfação quanto ao serviço de interpretação podem auxiliar na reflexão do TILS sobre a sua prática?

Sendo assim, tomamos como objetivo compreender as percepções de um palestrante surdo sobre a situação de seu discurso ser interpretado para o português, e como ele vê o processo de interpretação simultânea em conferências.

A tradução/interpretação na perspectiva enunciativo-discursiva

Dialogar sobre tradução e interpretação, requer uma compreensão apurada sobre as relações humanas e os discursos produzidos nestas relações, assim como a compreensão de este ser um processo complexo, um desafio, uma vez que, significa discorrer sobre língua, linguagem, cultura e pensamento.

Notaremos no decorrer do texto o termo tradução, o termo interpretação e também notaremos o uso do termo tradução/interpretação. Metzger (1999, tradução nossa) considera a importância de se fazer uma distinção entre tradução e interpretação, e também traz à reflexão a necessidade de se distinguir a interpretação entre línguas faladas e línguas sinalizadas. Ela também faz uma observação importante sobre o impacto que a língua sinalizada causa no processo de interpretação.

Sendo assim, distinguimos brevemente os dois termos conforme Davis (2002), tradução como o trabalho que envolve textos escritos, registrados, ao passo que a interpretação é usada para denotar a conversão não ensaiada (ou seja, não escrita) de uma mensagem da língua fonte para a língua alvo, e ainda segundo o autor, tradução/interpretação pode se referir ao processo geral de transferir um significado de uma língua para uma outra língua, independentemente da forma de uma linguagem (escrita, falada ou sinalizada) (DAVIS, 2002, p. 111, tradução nossa).

Leite (2005) ressalta que a década de 90 do século passado, trouxe importantes mudanças para a teoria e a pesquisa na tradução e interpretação no cenário internacional com o advento de uma abordagem discursiva para a tradução e da aplicação da sociolinguística interacional na análise da interpretação.

Uma nova dimensão sobre aquilo que o intérprete faz quando interpreta, a observação necessária de todos os elementos possíveis do discurso entre os participantes da interação, a negociação realizada pelo intérprete do sentido das mensagens, implícitas e explícitas, todos esses fatores são pontos de partida para entender aspectos da interação durante uma interpretação (LEITE, 2005, p. 58).

O processo de tradução para Rodrigues (2002), referência as experiências linguísticas e tradutórias que os tradutores acumulam no exercício da profissão tendo forte influência na forma como eles traduzem; indica que os tradutores não são seres passivos durante o processo da tradução. O autor alega que as estratégias tradutórias utilizadas, dentro de um mesmo grupo de profissionais, podem ser diferentes, principalmente em diferentes espaços de tempo, ou seja, para cada tradutor, de acordo com o contexto e todos os sentidos que ele carrega, diferentes enunciados são construídos.

A língua e seus usos ultrapassam o entendimento dela apenas como sistema, os seres humanos se constituem pela língua e nela reverberam a história e a ideologia, como também a comunidade e a língua com quem apreenderam conceitualmente o mundo. Pensar a língua a partir do outro, e para o outro nos coloca desafios. Entretanto, ao mesmo tempo, nos abre possibilidades de entender o percurso dialógico das relações que nos humanizam.

Deste modo, Sobral (2008, p. 89) afirma que “o tradutor/ intérprete é um parceiro legítimo de toda interação de usuários de línguas diferentes e interfere necessariamente na tradução, como mediador-participante”. Para Bakhtin (2010), nos elementos da expressão se cruzam e se combinam duas consciências, a do eu e a do outro, as expressões envolvem sujeitos ativos na produção constante de sentidos, em que o conhecimento acerca deles só pode ser dialógico.

O dialogismo, na perspectiva bakhtiniana, constitui o modo de funcionamento real da linguagem e o princípio constitutivo do enunciado, de tal modo que todo enunciado constitua-se a partir de outro, é uma réplica deste.

A partir desse pressuposto, Silva (2011, p. 39) afirma que “a visão de língua na base das concepções essencialistas resultou em construtos teóricos que não abarcam a complexidade da língua e, portanto, da tradução”. O autor passa a conduzir seus estudos sobre tradução à luz de uma teoria dialógica da linguagem. “Todo enunciado é uma tomada de posição, uma vez que, no ato da enunciação, concretiza-se uma postura global em relação à língua, à visão de mundo, aos conhecimentos e a outros discursos” (SILVA, 2011, p. 84), para o autor, a tradução na condição de enunciado também compartilha dessas características:

Uma reenunciação (retomada-modificação), única e irrepetível, que inscreve no texto traduzido traços resultantes da posição sociocultural, histórica e geográfica ocupada pelo tradutor e se manifesta por uma voz enunciativa – um conjunto de marcadores sociolinguísticos, retóricos estilísticos e axiológicos (SILVA, 2011, p. 96).

O autor complementa indicando o fato de a tradução ser dirigida a uma terceira pessoa, para ele um leitor projetado numa outra cultura, onde o tradutor lida com a compreensão responsiva ativa dessa nova audiência. Nesse sentido, entendemos os processos de tradução/interpretação como um discurso, como enunciações a serem transmitidas no interior de um contexto, e que nele são feitos deslocamentos teóricos que se distanciam do pensamento formal e sistemático sobre a linguagem e a língua.

Segundo Bakhtin/Voloshínov (2009[1929], p. 125), “o centro organizador de toda enunciação, de toda expressão, não é o interior, mas exterior: está situado no meio social que envolve o indivíduo”. Nessa perspectiva, Nascimento (2011) relata que encarar a tradução/interpretação como um ato enunciativo discursivo a partir da perspectiva dialógica de estudo da linguagem, significa enxergar a materialidade produzida nesse ato como um enunciado concreto, concebido como uma unidade real da constante cadeia de comunicação discursiva. Assim sendo, o tradutor/intérprete como enunciador, produtor de discursos a partir da intersubjetividade das interações mobiliza, não apenas componentes linguísticos, mas discursos, pois “todo enunciado está inserido em um tipo de esfera da atividade humana e ele, o enunciado, se referirá à esfera pela qual foi produzido” (NASCIMENTO, 2011, p. 51).

A Interpretação em conferências

Na esfera de conferências, em se tratar da atuação do intérprete de língua de sinais, a distinção entre o contexto de atuação e as demandas atribuídas a este contexto devem ser observadas, pois, algumas características serão determinantes, em especial para que haja a participação efetiva da comunidade surda no evento.

O contexto de conferência é um dos principais espaços de atuação, um local que envolve múltiplas características, como o tipo de discurso e a configuração entre os participantes por exemplo, exigindo do profissional que irá atuar nesse ambiente o domínio de tais características (NOGUEIRA, 2016, p. 65).

Podemos dizer, desta forma, que há dois grandes grupos de tipologia de conferências, pensados a partir de importantes características, são eles: Conferências apreciativo-informativas e Conferências colaborativo-deliberativas.

Apreciativo-informativas

- Congressos (conferências acadêmicas)
- Seminários
- Palestras
- Cine-debate
- Coletivas de imprensa
- Apresentações culturais
- Pronunciamentos
- Formação pessoal

Colaborativo-deliberativa

- Conferência de Políticas Públicas
- Conferências Governamentais
- Audiência Pública
- Jornadas
- Grupos de Trabalho
- Função social

Tabela 1: Grupos de tipologias de conferências

O primeiro grupo é mais comum, onde há o discurso predominantemente monológico, com menos complexidade em comparação às conferências do segundo grupo, pois, são raras as situações em que o orador é interpelado, tendo o seu discurso construído de forma fluída e concatenada.

No segundo grupo o grau de atenção exigido é maior, o esforço para manter-se no sentido do discurso é igualmente maior, uma preocupação latente é que o trabalho do intérprete proporcione aos participantes surdos tempo hábil para resposta/ contribuições nas deliberações propostas na conferência. O Tempo de resposta é dentre as demandas do intérprete uma preocupação evidente para este grupo, assim como a necessidade de alternância na interpretação de enunciações de diferentes participantes, com discursos que não se apresentam de forma fluída e que por muitas vezes com base em pensamentos e ideologias que se contrapõem.

Podemos dizer que, tanto nas conferências do tipo apreciativo-informativas, quanto nas conferências do tipo colaborativo-deliberativas, a modalidade simultânea geralmente é a indicada por não interferir na duração do evento, em detrimento a outras possibilidades como interpretação consecutiva² ou intermitente³.

Nogueira (2016, p. 79) sobre a interpretação simultânea explica:

O imediatismo é uma das principais propriedades desse modelo de interpretação e, ao contrário da consecutiva, não há pausas: a pessoa que fala segue seu discurso em um fluxo contínuo enquanto a interpretação está acontecendo. Na modalidade da interpretação “simultânea”, a questão da simultaneidade, na verdade é relativa. Existe sempre um *delay* entre a pessoa que fala e a produção do intérprete. Para conseguir realizar esse processo, o intérprete utiliza sua memória de curto prazo, o que exige dele também habilidades de processamento cognitivo, para que faça rápidas tomadas de decisões e escolhas interpretativas (NOGUEIRA, 2016, p.79).

Entre línguas orais, geralmente se usa equipamento portátil (microfone e fones) de transmissão do som. A interpretação simultânea é a mais adequada para reuniões, conferências (congressos ou seminários) ou cursos, com um público multilíngüe onde se utilizam várias línguas e se requer uma comunicação fluída e simultânea, com a possibilidade de tradução para duas ou mais línguas sem concorrência, desde que utilizados equipamentos de transmissão. Ao realizar-se em cabinas insonorizadas, o intérprete não está fisicamente presente entre o emissor e o receptor. Através de fones os ouvintes podem escutar a interpretação simultânea na sua língua (ALBRES, 2010).

Dentro dessa categoria, há uma pequena diferença quando feita mais próxima para pouquíssimos falantes, o que é denominado de interpretação simultânea de cochicho, é a interpretação simultânea feita para, no máximo, duas pessoas sem o uso de equipamentos de som para tradução simultânea.

²² Na interpretação consecutiva, o intérprete senta-se à mesa de conferência, enquanto o orador se expressa na língua fonte, o intérprete toma notas para, a intervalos em torno de cinco minutos, fazer a interpretação para a língua alvo. Esta modalidade faz com que a duração do evento necessite de dobro de tempo.

³ A interpretação intermitente é a menos usada em conferências, também chamada de interpretação *sentence-by-sentence*, tem a característica de alternância de blocos extremamente breves entre a expressão do orador na língua fonte e a expressão do intérprete na língua alvo de tradução, não há tomada de notas.

No caso de intérpretes de língua de sinais, em conferências, sua posição é aparente, pois fica de frente para o público e ao lado do conferencista. Também deve trabalhar em dupla. Enquanto um desenvolve a função de intérprete da vez o outro deve sentar-se à frente e trabalhar como intérprete de apoio. Fica observando a interpretação e caso o intérprete da vez tenha alguma dificuldade pode sinalizar indicando um sinal ou ideia para que o intérprete da vez possa retomar a interpretação (ALBRES e SANTIAGO, 2012, p. 52).

Nogueira (2016), descreve que hoje os intérpretes que atuam na modalidade simultânea de Libras para português também podem atuar em cabine, e relata o trabalho em dupla utilizando os equipamentos retorno de som e de vídeo, e microfone para transmissão do discurso traduzido.

Devido ao elevado nível de concentração exigido, cada intérprete não trabalha em geral mais de trinta minutos seguidos, acontecendo o revezamento. Quadros (2001) ressalta que “o tradutor-intérprete precisa ouvir-ver a enunciação em uma língua (língua fonte), processa a informação e passa para a outra língua (língua alvo) no tempo da enunciação” (QUADROS, 2001, p.11).

Para além do procedimento como técnica, há questões fundamentais de construção de sentido que perpassam as modalidades de interpretação anteriormente citadas. Independente da modalidade elegida pelo intérprete é fundamental esclarecer que o papel do intérprete não se reduz a verter de uma língua para outra.

[...] o tradutor-intérprete atua na fronteira entre os sentidos da língua de origem e da língua alvo, com os processos de interpretação relacionando-se com o contexto no qual o signo é formado. O sentido do enunciado é construído na interação verbal, e é atualizado no contato com outros sentidos, na relação estabelecida entre interlocutores. A interpretação é um processo ativo, que procede de sentidos que se encontram, existindo, apenas, na relação entre sentidos, como um elo numa cadeia de sentidos. Pode-se dizer assim que a interpretação se revela na multiplicidade de sentidos existentes (LACERDA, 2000, p. 6).

No plano do uso da língua face a face, a modalidade simultânea é mais imediata, podendo trazer prejuízos, já que há um pequeno tempo para o intérprete compreender o que o enunciador está dizendo e transformá-lo em fala correspondente na outra língua a ser enunciada. Caso perceba equívocos, omissões no processo de construção de sentidos, pode fazer uso de reformulações e retomadas no decorrer da enunciação na língua alvo.

Segundo Bakhtin (2009) o processo de comunicação procede de alguém e se dirige para alguém, tem duas faces. É necessário um locutor dono de parte da palavra e um interlocutor, um ouvinte potencial – dono da outra parte da palavra, estando então, a palavra, em uma zona fronteira. O autor afirma que a palavra se concretiza como signo ideológico na atividade da interação verbal. Transforma-se e adquire os mais variados significados de acordo com o

contexto em que está inserida, a situação social e o lugar ocupado pelo falante (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2009).

Posta a complexidade da atividade de interpretação, a proposta deste artigo é discutir sobre essa “palavra” em território comum, envolvendo o surdo e o intérprete. Sendo o intérprete também enunciador, dono da outra parte da palavra, na construção de sentidos em outra língua.

METODOLOGIA

Com base na perspectiva enunciativo-discursiva de Bakhtin, este artigo se insere nos métodos da pesquisa qualitativa-etnográfica, a pesquisa em ciências humanas, segundo Freitas (2007), não busca a precisão do conhecimento, mas a profundidade da penetração na temática a ser investigada e a participação ativa tanto do investigador quanto do investigado.

A pesquisa de natureza qualitativa é capaz de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações, e às estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas significativas (MINAYO, 1996, p. 10).

Para além das questões de categorização do método, a pesquisa em ciências humanas sob a perspectiva sócio-histórica, segundo Freitas (2007), não busca a precisão do conhecimento, mas a profundidade da penetração na temática a ser investigada e a participação ativa tanto do investigador quanto do investigado. Nesse sentido, ainda segundo a autora, a fonte de dados é o texto (contexto), no qual o acontecimento emerge, focalizando o particular enquanto instância de uma totalidade.

O interesse e coleta de dados para esta pesquisa aconteceu durante uma palestra de aproximadamente 30 minutos no evento Colóquio de Surdos do ABC, evento considerado no grupo de conferências apreciativo-informativas, neste caso com discurso corrente do palestrante sem grandes interferências. A coleta de dados foi realizada por meio de vídeo-gravação, captando a imagem da palestrante surda e a voz (áudio) da intérprete. O evento tinha como objetivo declarado incentivar o movimento associativista da comunidade surda, que teve como público surdos e ouvintes, pessoas fluentes e não fluentes em Libras, em sua maioria não inseridas no meio acadêmico.

Foi necessária a transcrição integral do áudio da interpretação para o português escrito, para disponibilizá-la para a palestrante surda fazer suas considerações sobre a atuação da intérprete.

Em seguida o material, vídeo e transcrição fora apresentado para a palestrante com as seguintes orientações: 1° - Assistir o vídeo da sua palestra para que se lembre o assunto que foi tratado e o conteúdo. 2° - Fazer a leitura da transcrição integral do texto da interpretação para o português. 3° - Comentar como se sentiu tendo acesso ao texto integral da interpretação da sua fala, e como avalia a atuação da profissional, com base em perguntas que nortearam a avaliação da palestrante surda.

Questões norteadoras para os comentários

- Qual a sua impressão sobre a interpretação e sobre a profissional?
- Você acha que a interpretação atendeu aos objetivos da sua palestra?
- O que você não gostou? Uma frase, uma expressão, erros, palavras...
- O que gostou?
- O que achou que foi mais difícil interpretar?
- Como avalia o início do texto da interpretação?
- Como avalia o final do texto da interpretação?
- Você acha que a interpretação para o português atendeu às expectativas?
- Comente mais o que quiser sobre a interpretação.
- De 0 a 5, qual o grau de satisfação com a interpretação da sua palestra?

Tabela 1: Grupos de tipologias de conferências

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A palestrante no feedback sobre a interpretação, não respondeu a todas as perguntas, preferiu relatar alguns pontos. Relatou gostar da linguagem utilizada e da coerência da interpretação, percebemos que ela compreende o processo de interpretação, ao dizer entender que alguns erros, apresentados e comentados no artigo, aconteceram pela situação do tempo e também pelo fato não ter conversado com a intérprete antes da palestra.

A palestrante relatou sentir-se satisfeita de um modo geral, segundo ela os pequenos equívocos não prejudicaram o objetivo da sua palestra. Ela também expôs que a interpretação foi melhorando, que o texto foi ficando melhor e que ao final da palestra a TILS fechou muito bem o discurso, “bem afinada”.

No entanto em resposta à uma das perguntas “O que não gostou?” foi a seguinte: “*Não seria não gostar, mas sim as diferenças*” e em seguida a palestrante cita em seus comentários alguns trechos que não concordou com a interpretação.

Os 4 trechos citados pela palestrante significaram dois erros com alteração do sentido da sua fala e duas situações de omissão. Apresentaremos apenas 2 dois trechos como recorte para as discussões neste artigo. Passamos para a discussão do primeiro trecho:

_ E o que mais? E eles..., eu comecei a ficar muito preocupada. Então eu falei: Aguardem, vamos fazer o encontro na minha casa, porque aqui no shopping ~~não dá pra fazer isso~~. (dá vergonha) Como? Parece uma aula de associação, me parece impossível. Então eu falei: Melhor, venham na minha casa, a associação não tem sede! Não tem problema!

Neste trecho acima a intérprete opta por não fazer a interpretação literal, tendo a base na tradução cultural, nos diferentes modos de dizer entre uma língua e outra, utilizou de uma expressão comum de eufemismo, deixando implícito o sentido “vergonha” que a palestrante gostaria de explicitar.

Bakthin/Volochínov (2009) considera que a linguagem tem natureza ideológica, justamente porque reflete os valores sociais daqueles que a põem em funcionamento. A palavra é produto da interação do locutor e interlocutor, a palavra é território comum. A linguagem é constitutiva da consciência e de toda atividade mental. Podemos compreender então que, as decisões dos intérpretes são orientadas pelo sua experiência de uso da linguagem, e pelas relações ideológicas entre signos e sentidos.

Em outro trecho abaixo, acontece um problema de compreensão que desencadeia a necessidade de tomada de decisão rápida na retomada do sentido.

- Eu queria mostrar a importância de os surdos terem conhecimento, se ele não tem conhecimento, como é que ele vai trabalhar em uma associação de surdos? ~~Se não conhece nada desse mundo!? Se ele não conhece sobre cultura~~ (o que eu faço na Diretoria Cultural? Se não conhece sobre a Diretoria Cultural) ~~se ele não conhece sobre direitos~~, o que eu faço, am! (Enrola sem saber o que responder)

Nesta sentença a intérprete se perde, no termo “Diretoria Cultural”, ao compreender apenas o sinal “Cultura”, faz inferências na tentativa de retomar o discurso. E na preocupação de reformular a fala a intérprete comete a omissão do trecho “*Enrola sem saber o que responder*”, quando a palestrante relatava a postura dos surdos ao serem indagados.

Na sentença em seguida o termo “diretoria” aparece na interpretação, trazendo o sentido da crítica aos surdos que não pensam nas outras responsabilidades da associação para além das atividades esportivas, dedicando-se somente à diretoria de esportes.

“Ah! A diretoria de esportes sabe tudo, conhece como organizar campeonatos, tudo bem, mas existem responsabilidades!”

Mesmo com a tentativa de retomada/ reformulação garantindo parte do sentido, é fato que houve uma falha na recepção da mensagem, o que incorreu no erro, a “diretoria cultural” não aparece no discurso. Observamos que este problema é recursivo nos comentários da palestrante e nas respostas às demais perguntas.

O que gostou?

Gostei da coerência da interpretação, foi exatamente o que utilizei na Libras, claro que teve uns erros, mas não atrapalhou o momento do assunto e os objetivos. E quase acompanhava os sinais com a fala juntas.

O que achou que foi mais difícil interpretar?

Acredito que foi no momento de explicar sobre a Diretoria dentro do seu contexto e a rapidez minha por causa do nervosismo e/ou preocupação com o tempo da palestra.

Você acha que a interpretação para o português atendeu às expectativas?

Sim, mas mudando alguns significados devido alguns erros acima, por exemplo.

Comente mais o que quiser sobre a interpretação.

Muitas vezes ao utilizar a língua de sinais, preciso lembrar que preciso deixar claro certos sinais, ou até mesmo conversar com o intérprete antes. Sintonia com o profissional é tudo! Quando percebemos que está fluindo a interpretação.

Contudo, a palestrante se mostrou condescendente em relação ao tempo de palestra e os poucos problemas identificados por ela, estando satisfeita com o trabalho, relata que gostaria de contar com a profissional para outras ocasiões.

Não obstante, e como informação complementar ao feedback da palestrante surda, observamos que o gênero, o conteúdo e a apresentação simpática e descontraída da palestrante, trouxeram um tom de informalidade para o discurso, que por sua vez foi incorporado na interpretação para o português, na voz. Vimos que a intérprete lançou mão de expressões que reforçaram prosódia, influenciada pelo gênero textual, identificado como palestra de conscientização/ motivação, e também uso de linguagem menos rebuscada visando o público heterogêneo presente. Como por exemplo nos trechos abaixo em que o negrito representa mudança na intensidade da voz:

E os surdos onde estão?

[...]

...Não foi fácil!

[...]

Vocês que são surdos, **vocês** que conhecem, **vocês** que podem ajudar os surdos que não tem esse conhecimento, **façam isso!**

[...]

Isso não pode morrer, esse desejo não pode morrer!

Então, vocês! Voltem pras associações.

Cadê os surdos das associações?

Infelizmente, quanto a marcação prosódica a palestrante surda não teria condições de avaliar, pois teve como base para sua análise o discurso transcrito, e não o discurso oral da

interpretação. Essa característica e algumas tomadas de decisão foram discutidas com a palestrante que demonstrou aprovar as escolhas da intérprete, sem fazer objeções.

Sobral (2008) explica que para além do texto, a atividade de tradução mostra que o discurso é a unidade com a qual trabalhamos. Para ele, o texto é uma materialidade em que só são criados sentidos a partir da discursivização, do uso dos textos por sujeitos em uma situação concreta, sendo, então, o discurso uma unidade de produção de sentidos, realizados por, para e entre sujeitos.

Durante as análises, notamos também a dificuldade de retomada da marcação prosódica, nas repetidas e repetidas vezes durante a palestra em que houve a alternância entre o discurso da palestrante propriamente dito e a narrativa da reunião com os surdos (discurso citado), exigindo da interpretação modulação constante no texto em português, situação, neste caso, também impossível de ser observada pela palestrante surda, por ter somente acesso ao texto escrito da interpretação.

Esta questão foi também discutida posteriormente com a palestrante, sendo relatado pela intérprete que no início da palestra ela indicava quem estava falando, mas no decorrer da palestra passa a incorporar diferentes sujeitos sem especificá-los, na impossibilidade de fazer inferência na modulação da voz, a intérprete alternava entre “eu” (discurso da palestrante) e os “surdos” (discurso citado). As especificidades arquitetônicas na construção dos enunciados se organizam como forças coercitivas do gênero discurso e orientam a tarefa do intérprete.

Nascimento (2014) revela que a tradução e interpretação são pontes que unem as diferentes arquitetônicas dos gêneros que procuram transpor. Para o autor, nos gêneros desaguam as diferentes formas de dizer que são reorganizadas a partir das coerções do processo de transposição de uma língua à outra. Nesse sentido podemos considerar que a tradução e a interpretação, por se manifestarem nos contextos de convívio cultural intenso e por fazer circular conhecimentos produzidos por povos, culturas e gerações, são gêneros do discurso secundários (NASCIMENTO, 2014, p. 216).

Deste modo, compreender a tarefa do intérprete como discurso, reelaborado e reorganizado a partir dos gêneros que se fundem na discursivização produzida na língua de chegada significa reconhecer a tradução e a interpretação como atividade puramente dialógica onde se cruzam a consciência do autor e do tradutor/intérprete na cadeia de produção de sentido.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Compreendemos a importância de que os profissionais tradutores e intérpretes se debrucem sobre o produto do seu trabalho, em especial na atividade de interpretação simultânea, identifiquem suas maiores dificuldades, em relação a língua, linguagem, prosódia, grau de afinidade com o discurso, e que reconheçam os erros, desenvolvendo estratégias para mitigar os problemas de tradução e de interpretação do trabalho na fronteira entre línguas e culturas.

Defendemos a inserção e contribuição dos surdos nas discussões e estudos sobre tradução e interpretação a fim de que eles compreendam a complexidade da tarefa, e que sejam parceiros desse processo no que tange, compartilhar suas intenções, o nível de linguagem, o tom do discurso desejado, entre outras questões que influenciam na fluidez do seu discurso interpretado para o português, no caminho do sentido.

Todo enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva. “É na posição ativa do falante nesse ou naquele campo do objeto e do sentido que cada enunciado se caracteriza, antes de tudo, por um determinado conteúdo semântico-objetal” (BAKHTIN, 2010, p. 289). Portanto, na atuação do tradutor/ intérprete para a compreensão da enunciação de outrem é preciso orientar-se em relação a ela, pois, a cada palavra da enunciação, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, permitindo que a compreensão ativo-dialógica tome espaço, e o tradutor/ intérprete se torne parceiro nas relações discursivas e se figure também autor.

REFERÊNCIAS

ALBRES, Neiva de Aquino. Mesclagem de voz e tipos de discursos no processo de interpretação da língua de sinais para o português oral. In: QUADROS, Ronice Müller (org.). **Cadernos de Tradução**. Volume Especial: Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais, 2010.

ALBRES, Neiva de Aquino; SANTIAGO, Vânia de Aquino Albres. Atuação do intérprete educacional: reflexão e discussão sobre modalidades de interpretação- simultânea e consecutiva. **Espaço**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 38, p. 51-59, jul. 2012. Semestral.

BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHÍNOV). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. (1ª edição 1929). Tradução: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Editora HUCITEC, 13ª Edição, 2009.

_____. **Estética da Criação Verbal**. (1ª edição 1992) São Paulo: Martins Fontes, 5ª Edição, 2010.

DAVIS, Jeffrey. E. **Translation Techniques in Interpreter Education**. In ROY, C. Innovative practices for teaching sign language interpreters, Washington DC: Gallaudet University Press 2002.

FREITAS, Maria Teresa de. **A perspectiva sócio-histórica: uma visão humana da construção do conhecimento** In: FREITAS, Maria Teresa de; SOUZA, Solange Jobim e; KRAMER, Sônia. Ciências humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2007.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. **A prática pedagógica mediada (também) pela língua de sinais: trabalhando com sujeitos surdos.** Cad. CEDES [online]. 2000, v. 20, n. 50, pp. 70-83.

LEITE, Emeli Marques Costa. **Os papéis do intérprete de libras na sala de aula inclusiva.** Petrópolis: Arara azul, 2005.

METZGER, Melanie. **Sign Language Interpreting: deconstructing the myth of neutrality.** Gallaudet University Press. Washington, D. C, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. - **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 4. ed. São Paulo, 1996.

NASCIMENTO, Marcus Vinícius Batista. **Interpretação da língua brasileira de sinais a partir do gênero jornalístico televisivo: elementos verbo-visuais na produção de sentidos.** Dissertação de Mestrado - Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.

_____. **Gêneros do discurso e verbo-visualidade: dimensão da linguagem para a formação de Tradutores/ Intérpretes de Libras-Português.** In: BRAIT, Beth; MAGALHÃES, Anderson Salvaterra (Org.) São Paulo: Terracota Editora, 2014.

NOGUEIRA, Tiago Coimbra. **Intérpretes de Libras-português no contexto de conferência: uma descrição do trabalho em equipe e as formas de apoio na cabine.** Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina – Florianópolis, 2016.

QUADROS, Ronice Muller de. **O Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa.** Brasília: MEC/SEESP, 2001.

RODRIGUES, Cássio. A abordagem processual no estudo da tradução: uma meta-análise qualitativa. **Cadernos de Tradução**, n.10. Florianópolis: Editora UFSC, 2002.

SANTIAGO, Vânia de Aquino Albres. **Atuação de intérpretes de língua de sinais na pós-graduação lato sensu: estratégias adotadas no processo dialógico.** Dissertação de Mestrado. São Carlos: UFSCar, 2013.

SANTIAGO, Vânia de Aquino Albres; ANDRADE, Cristiane Esteves. **Surdez e sociedade: questões sobre conforto linguístico e acessibilidade.** In: Libras em estudo: política linguística. São Paulo: FENEIS-SP, 2013.

SILVA, Heber de Oliveira Costa e. **Tradução e dialogismo: um estudo sobre o papel do tradutorna construção do sentido.** Coleção Teses Dissertações 66. Recife: Editora Universitária UFPE, 2011.

SOBRAL, Adail Ubirajara. **Dizer o mesmo aos outros: ensaios sobre tradução.** São Paulo: Special Book Service Livraria, 2008.